

Trocadilhos, enigmas e parábolas

Moisés correu em favor dos filhos de Israel porque queria que Deus perdoasse o pecado deles. Porém, a misericórdia de Deus não dependia da correria de Moisés e nem da sua vontade. O ponto nevrálgico da correria e da vontade de Moisés é verificável na sua oração: **“Assim tornou-se Moisés ao SENHOR, e disse: Ora, este povo cometeu grande pecado fazendo para si deuses de ouro. Agora, pois, perdoa o seu pecado, se não, risca-me, peço-te, do teu livro, que tens escrito”** (Ex 32:31-32).

Trocadilhos, enigmas e parábolas

Interpretação bíblica

Para interpretar um texto é essencial uma boa leitura. Com relação à Bíblia não é diferente, pois uma interpretação segura e fiel só é possível através de uma boa análise, e para isso é necessário observar algumas regras.

Para uma boa leitura da Bíblia é essencial analisar qual o público alvo dos ensinamentos de Cristo. Por exemplo: alguns ensinamentos de Jesus foram feitos em particular, com os seus discípulos, porém, em alguns momentos, o ensinamento tinha por público os escribas e fariseus, e em outros momentos a multidão.

Após se inteirar qual é o público alvo da mensagem, não podemos esquecer um alerta de Marcos: **“E sem parábolas nunca lhes falava; porém, tudo declarava em particular aos seus discípulos”** (Mc 4:34). Quando Jesus falava aos discípulos em particular, geralmente explicava o sentido das parábolas e dos enigmas propostos à multidão, porém, é imprescindível considerar que, à multidão Jesus só falava utilizando parábolas.

Além das parábolas, também é necessário considerar os enigmas. Cada parábola possui um enigma específico, que antes de ser interpretada, primeiro é necessário desvendar o enigma. Lembrando que os enigmas propostos nas parábolas,

essencialmente, referem-se a algo já abordado pelos profetas, salmos e a lei “Abrirei a minha boca numa parábola; falarei enigmas da antiguidade” (Sl 78:2).

Observe que falar por enigmas ao povo já era uma prática antiga “Boca a boca falo com ele, claramente e não por enigmas; pois ele vê a semelhança do SENHOR; por que, pois, não tivestes temor de falar contra o meu servo, contra Moisés?” (Nm 12:8).

Pedro e a pedra

Mas, além de observar o público alvo da mensagem, a parábola e os enigmas, a Bíblia também contém algumas frases construídas que remetem a uma verdade, porém, é um trocadilho.

O exemplo de um ‘trocadilho’ bíblico conhecido é: “Pois também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela” (Mt 16:18). O fato que deu origem a esta asserção de Jesus foi o evento em que o apóstolo Pedro fez uma confissão que é o cerne do cristianismo: “Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo” (Mt 16:16).

Em seguida Jesus demonstra que aquele conhecimento que o apóstolo Pedro expôs, não lhe fora revelado por ser descendente da carne de Abraão, antes porque o Pai, através da pessoa de Cristo é quem anunciou e tornou compreensível aquela verdade (Jo 1:18).

Em seguida vem a declaração maravilhosa de Cristo: “Pois também eu te digo que tu és Pedro...” (Mt 16:16), ou seja, da mesma forma que Pedro admitiu (confessou) algo que era verdadeiro: Cristo é o Filho do Deus vivo, Jesus fez uma confissão segundo a verdade acerca do seu discípulo: - ‘Admito que você é Pedro’. Cristo fez uma confissão acerca de Pedro com base no mesmo princípio da confissão de ‘Pedro’: verdadeira.

Por admitir que Cristo é o Filho do Deus vivo, Pedro tornou-se uma pedra sobre a rocha, pois a igreja é edificada sobre esta verdade: Jesus é o Cristo, Filho do Deus vivo “Porque todo aquele que invocar o nome do SENHOR será salvo” (Rm 10:13).

Em seguida fez a seguinte declaração: “..., e sobre esta pedra edificarei a minha igreja...”. Com este trocadilho surgiu um dos maiores celeumas: a igreja de Cristo é edificada sobre Jesus, o Filho do Deus vivo, ou é edificada sobre o apóstolo Pedro, como afirma a Igreja Apostólica Romana?

Para uma desambiguação, é necessário recorrer a outros textos bíblicos que demonstram que Cristo é a ‘pedra eleita’, a ‘pedra angular de esquina’ e é sobre Cristo que é erguida a sua igreja “Edificados sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, de que Jesus Cristo é a principal pedra da esquina; No qual todo o edifício, bem ajustado, cresce para templo santo no Senhor. No qual também vós juntamente sois edificados para morada de Deus em Espírito” (Ef 2:20 -22).

Através de outros textos, fica demonstrado que o apóstolo Pedro é somente uma pedra como todos os outros cristãos que Deus utiliza para edificar o seu templo “Vós também, como pedras vivas, sois edificados casa espiritual e sacerdócio santo, para oferecer sacrifícios espirituais agradáveis a Deus por Jesus Cristo” (1Pd 2:5).

Mas, o correto quanto ao texto é considerar que Cristo é a pedra e sobre Ele é edificada a igreja, de modo que a confissão de Pedro é o cerne da admissão cristã, a admissão segura, firme, que tem fundamento, verdadeira, que torna os homens que creem verdadeiras ‘pedras vivas’ que promove a edificação da igreja.

Princípios de interpretação da Bíblia

Para compreender as Escrituras é essencial socorrer-nos do mesmo princípio utilizado por Jesus: “Disse-lhe Jesus: Também está escrito: Não tentarás o Senhor teu Deus” (Mt 4:7). Em nenhuma passagem do Antigo Testamento foi predito que um dos discípulos de Cristo seria a pedra, antes foi dito que a pedra angular seria o Messias (Jó 38:6 ; Sl 118:22 ; Sl 144:12 ; Is 28:16 ; Zc 10:4 ; Lc 20:17 ; At 4:11).

A Bíblia apresenta outros trocadilhos, como: “Ai de Ariel, Ariel, a cidade onde Davi acampou! Acrescentai ano a ano, e sucedam-se as festas” (Is 29:1), ou “Ai da lareira de Deus...”. A palavra hebraica traduzida por lareira às vezes também era transliterada por Ariel. Tal trocadinho foi estabelecido para demonstrar que, a

cidade de Jerusalém onde ocorria o sacrifício sacerdotal, por causa da infidelidade do povo, haveria de se tornar o próprio altar de sacrifício onde os habitantes de Jerusalém seriam mortos.

O verso primeiro do Salmo 23 é um trocadilho, porém, perceptível somente na língua original do texto, porque em decorrência dos radicais das palavras hebraicas traduzidas por 'meu pastor' e 'pastagem', tem-se a ideia: 'O Senhor é meu Pastor' que pode ser compreendido como: "O Senhor é o meu alimento".

Há trocadilhos com a construção de provérbios, como: ["Assim diz o SENHOR: Maldito o homem que confia no homem, e faz da carne o seu braço, e aparta o seu coração do SENHOR!"](#) (Jr 17:5). Ou seja, o verso não semeia discórdia entre irmãos, visto que não está dizendo para que os homens não confiem em seus semelhantes nos relacionamentos diários, antes a lição dada anteriormente: ["Dize-lhes, pois: Assim diz o SENHOR Deus de Israel: Maldito o homem que não escutar as palavras desta aliança"](#) (Jr 11:3), é reeditada: a pessoa que não obedece as palavras da aliança divina é aquele que, para alcançar a salvação eterna, confiam em si mesmo, o mesmo que fazer da sua força o seu braço.

Há outros trocadilhos que complementa a ideia acima: ["Não por força nem por violência, mas sim pelo meu Espírito, diz o SENHOR dos Exércitos"](#) (Zc 4:6). A 'força' e a 'violência' são figuras que representam a 'carne' e o 'braço' do homem que confia em si mesmo, e se esquece da palavra de Deus, que é espírito (Jo 6:63).

A Bíblia contém construções mais complexas, como a que se segue: ["Porque na lei de Moisés está escrito: Não atarás a boca ao boi que trilha o grão. Porventura tem Deus cuidado dos bois?"](#) (1Co 9:9). Nesta construção não há um trocadilho, antes temos uma citação de um provérbio.

É um equívoco considerar que através desta citação o apóstolo Paulo estava pleiteando benefícios para receber uma contribuição da igreja de corinto, isto porque o contexto da sua carta demonstra que o apóstolo não buscava salário, antes anunciou aos cristãos de corinto o evangelho de graça para cortar ocasião aos obreiros fraudulentos (2Co 11:7 -12).

O texto de Deuteronômio não possui relação direta com salário ou prestígio, antes invoca a ideia do direito. Se alguém fosse condenado, devia pagar a pena, porém, não poderia ter o seu direito violado. Com base na ideia de direito contido no

provérbio, o apóstolo Paulo cita a lei para defender o seu apostolado.

O apóstolo Paulo não estava pleiteando prestígio social através dos cristãos, ou um salário, antes que reconhecessem a sua autoridade como ministro de Cristo, pois sem ser reconhecido como autoridade apostólica, os cristãos ficariam vulneráveis as doutrinas dos falsos apóstolos. É por isso que na carta aos coríntios o apóstolo cita o termo direito por três vezes (1Co 9:4 -6).

Através do alerta: *'Deus não tem cuidado de bois'*, o apóstolo Paulo destaca o objetivo da lei: cuidado para com os homens, e o provérbio foi utilizado porque ele encerrava uma ideia: direito. Por que o boi como figura? Porque na antiguidade o boi era como o escravo do pobre, e para ser efetivo no trabalho, precisava comer. O boi como figura, também transmite a ideia de impessoalidade, o que faria com que o verdugo deixasse suas emoções de lado no momento de aplicar a pena.

Era direito dos condenados serem chicoteados com, no máximo 40 açoites. O direito dos condenados vetava aos juizes aplicarem um número acima do estabelecido pela lei *"E será que, se o injusto merecer açoites, o juiz o fará deitar-se, para que seja açoitado diante de si; segundo a sua culpa, será o número de açoites. Quarenta açoites lhe fará dar, não mais; para que, porventura, se lhe fizer dar mais açoites do que estes, teu irmão não fique envilecido aos teus olhos"* (Dt 25:2 -3).

Quando foi estabelecido este direito, o provérbio serviu para consolidar a ideia e o entendimento dos juizes do porquê não deveriam exceder o número de açoites estabelecido em lei: *"Não atarás a boca ao boi, quando trilhar"* (Dt 25:4).

Mas, por que o apóstolo citou a lei? Ora, ele cita a lei com um objetivo específico: demonstrar aos seus opositores conhecimento da lei, o que reforçaria o seu pleito de ser reconhecido como apóstolo.

Por que pleitear o direito de apóstolo? O apóstolo Paulo havia posto como sábio construtor Cristo como fundamento da igreja, mas havia alguns homens que se intrometiam em meio aos cristãos se dizendo sábios, apóstolos, mestres, etc., porém, queriam substituir o fundamento *"Não sou eu apóstolo? Não sou livre? Não vi eu a Jesus Cristo SENHOR nosso? Não sois vós a minha obra no Senhor? Se eu não sou apóstolo para os outros, ao menos o sou para vós; porque vós sois o selo do meu apostolado no Senhor"* (1Co 9:1 -9; 1Co 3:11).

Havia alguns homens que se diziam apóstolos e que até faziam uso de direitos próprio aos apóstolos (1Co 9:12), o que é mais evidente na segunda carta aos corintos (2Co 11:13), enquanto o apóstolo Paulo tinha o cuidado de não se impor para não causar embaraço ao evangelho de Cristo.

O apóstolo dos gentios não estava buscando ser servido pelos cristãos (2Co 12:14), antes desejava servi-los, pois sabia qual era a condição de um apóstolo de Cristo (1Co 4:9 -12).

Erros de interpretação dos reformadores

Enquanto a declaração de Pedro foi enfatizada através de um trocadilho de Jesus, mas ao distorcerem a ideia, perpetua-se um erro na Igreja Católica Apostólica Romana até hoje, semelhantemente o trocadilho que o apóstolo Paulo fez, em função de uma má leitura dos Reformadores, em especial João Calvino, fomentaram outro erro que igualmente perpetua-se: **“Pois diz a Moisés: Compadecer-me-ei de quem me compadecer, e terei misericórdia de quem eu tiver misericórdia”** (Rm 9:15).

No afã de evidenciar a soberania de Deus e a incapacidade do homem salvar-se por seus próprios meios, lançou mão de um trocadilho, e o erro decorrente desta má leitura tem persistido ao longo dos tempos.

Através deste trocadilho Calvino concluiu que Deus exerce a sua misericórdia com base na sua soberania, e que Ele determinou previamente quais seriam as pessoas a serem salvas através da sua misericórdia.

Mas, quando Deus disse a Moisés que teria misericórdia de quem Ele tivesse misericórdia, estava falando de sua soberania? O que Deus estava tratando com Moisés?

Devemos voltar no tempo, e ver o povo de Israel transgredindo o mandamento de Deus quando fizeram um bezerro de ouro no deserto (Ex 32:8). Deus havia concedido os dez mandamentos, e entre os primeiros temos: **“Não terás outros deuses diante de mim. Não farás para ti imagem de escultura, nem alguma semelhança do que há em cima nos céus, nem em baixo na terra, nem nas águas**

debaixo da terra. Não te encurvarás a elas nem as servirás; porque eu, o SENHOR teu Deus, sou Deus zeloso, que visito a iniquidade dos pais nos filhos, até a terceira e quarta geração daqueles que me odeiam” (Ex 32:3 -5).

Após determinar que não tivessem outro deus, e que não fizessem imagens de esculturas, Deus enfatizou que vingaria (visito) aqueles que não o obedecessem (odeiam), porém, aqueles que obedecessem (amasse), Deus teria misericórdia “E faço misericórdia a milhares dos que me amam e aos que guardam os meus mandamentos” (Ex 32:6).

Os termos ‘amor’ e ‘ódio’ nos versos 5 e 6 de Êxodo 32 não se refere a sentimento, antes a ideia de obediência, serviço “Ninguém pode servir a dois senhores; porque ou há de odiar um e amar o outro, ou se dedicará a um e desprezará o outro. Não podeis servir a Deus e a Mamom” (Mt 6:24); “Nenhum servo pode servir dois senhores; porque, ou há de odiar um e amar o outro, ou se há de chegar a um e desprezar o outro. Não podeis servir a Deus e a Mamom” (Lc 16:13).

Quando Deus falou que ia destruir o povo de Israel, Moisés intercedeu e Deus o atendeu (Êx 32:11 -14). Ele desceu do monte, e ao ver o povo adorando o ídolo, arremessou a tábua que recebera das mãos de Deus e quebrou as tábuas escritas por Deus (Ex 32:19). Por zelo, Moisés manda exterminar os idólatras e, em seguida, subiu ao monte para interceder pelo povo para que Deus fosse propício.

É importante observar que após interceder pelo povo, Moisés desceu o monte, quebrou a tábua dos dez mandamentos, destruiu o ídolo, destruiu os idólatras, e correu novamente ao Senhor para interceder. Em seguida expor o que queria: “Assim tornou-se Moisés ao SENHOR, e disse: Ora, este povo cometeu grande pecado fazendo para si deuses de ouro. Agora, pois, perdoa o seu pecado, se não, risca-me, peço-te, do teu livro, que tens escrito” (Ex 32:31 -32).

Moisés correu em favor dos filhos de Israel porque queria que Deus perdoasse o pecado deles. Porém, a misericórdia de Deus não dependia da correria de Moises e nem da sua vontade. O ponto nevrálgico da correria e da vontade de Moisés é verificável na sua oração: - “Agora, pois, perdoa o seu pecado, se não, risca-me, peço-te, do teu livro, que tens escrito”!

Um pedido descabido que não ficou sem resposta. Deus disse: - ‘Não’! Deus não é o homem para voltar a sua palavra atrás. A palavra de Deus é irrevogável. Deus

não pratica injustiça. Deus jamais condenaria um justo como Moisés, em lugar dos pecadores. Daí a resposta divina: - *“Aquele que pecar contra mim, a este riscarei do meu livro”*.

Observe o que Deus disse a Ezequiel: *“Ainda que estivessem no meio dela estes três homens, Noé, Daniel e Jó, eles pela sua justiça livrariam apenas as suas almas, diz o Senhor DEUS”* (Ez 14:14). Observe que Moisés não livrou os idolatras com a sua justiça.

Quando Moisés foi comissionado para continuar guiando o povo em meio ao deserto, Moisés roga a presença de Deus (Ex 33:12 -13). Moisés sabia que aquele povo receberia a justa retribuição pelo seu pecado, foi quando Deus lhe garantiu que iria em meio ao povo, para que Moisés ficasse em paz.

Foi quando Moisés rogou para ver a glória de Deus, e recebeu a seguinte resposta: *“Então ele disse: Rogo-te que me mostres a tua glória. Porém ele disse: Eu farei passar toda a minha bondade por diante de ti, e proclamarei o nome do SENHOR diante de ti; e terei misericórdia de quem eu tiver misericórdia, e me compadecerei de quem eu me compadecer”* (Ex 33:18 -19).

Deus demonstra que faria passar a sua bondade diante de Moisés, porém, o que estava estabelecido jamais seria mudado: *“... e terei misericórdia de quem eu tiver misericórdia, e me compadecerei de quem eu me compadecer”* (Ex 33:19). O que Deus estava dizendo a Moisés? - Moisés, não adianta ‘correr’ ou ‘querer’, pois sou Deus zeloso (velo sobre a minha palavra para cumprir), que visito a iniquidade dos que me odeiam e faço misericórdia aos que me amam.

A oração de um justo pode muito em seus efeitos, até parar o sistema solar, mas não pode mudar o que Deus estabeleceu com a sua palavra. Moisés pediu para ver a ‘gloria de Deus’ e Deus atendeu, mas o pedido de perdão para aqueles incrédulos e desobedientes jamais seria atendido.

Com base na pró-atividade de Moisés em correr e querer que Deus demonstrasse favor para com o povo de Israel é que o apóstolo Paulo construiu a seguinte asserção: a misericórdia não é de quem quer ou de quem corre.

Semelhantemente, é com base no estabelecido nos dez mandamentos: *“Não terás outros deuses diante de mim. Não farás para ti imagem de escultura, nem alguma semelhança do que há em cima nos céus, nem em baixo na terra, nem nas águas*

debaixo da terra. Não te encurvarás a elas nem as servirás; porque eu, o SENHOR teu Deus, sou Deus zeloso, que visito a iniquidade dos pais nos filhos, até a terceira e quarta geração daqueles que me odeiam. E faço misericórdia a milhares dos que me amam e aos que guardam os meus mandamentos” (Ex 32:3-6), que Deus estabeleceu o seguinte trocadilho: “... e terei misericórdia de quem eu tiver misericórdia, e me compadecerei de quem eu me compadecer” (Ex 33:19).

Para compreendê-lo, é essencial que o leitor conheça a lei mosaica e o que Deus havia estabelecido. Diante do trocadilho, basta se perguntar: de quem Deus terá misericórdia? A resposta advém da lei: dos que me amam, aos que guardam os meus mandamentos.

De quem Deus quer ter misericórdia? A vontade de Deus é demonstrar misericórdia aos que o amam! Desde a eternidade Deus quis e estabeleceu que a sua misericórdia está reservada para os que o amam, segundo o seu mandamento.

É neste ponto que vemos a soberania e a justiça de Deus em harmonia.